

# UMA PROBLEMATIZAÇÃO DO CATOLICISMO DE MÃE DINÁH: DUPLO PÚBLICO E CONCEITO DE TRÂNSITO RELIGIOSO

## A PROBLEMATIZATION OF MÃE DINÁH'S CATHOLICISM THROUGH THE STUDY OF ITS PUBLIC DOUBLE THROUGH THE CONCEPT OF RELIGIOUS TRAFFIC

Ricardo Cortez Lopes\*

### Introdução

Um das figuras mais recorrentes na cultura popular brasileira dos anos 1990 foi, sem dúvida, a chamada Mãe Dináh. Adivinha, ficou famosa por fazer previsões, acertadas ou não, especialmente em relação aos famosos dessa década. Exemplos disso, são a banda Mamonas Assassinas (sobre sua morte) e Ayrton Senna (sobre a sua não-morte) – esta última previsão foi negada posteriormente (A VIDENTE..., 2014). Ela se declarava publicamente como católica, mas a sua escolha de palavras parecia encerrar também uma autoafirmação:

Eu sou católica apostólica romana. Não uso nada, nada [nem carta de consulta ou búzios para fazer suas previsões]. E tem uma

coisa, eu olho para uma pessoa, eu falo, a pessoa escreve o nome, eu vou falar qual [é] a letra negativa e o que significa aquela letra para a pessoa. Eu não uso nada (OTAVIO, 2012, n.p.).

É interessante o uso da expressão “católica apostólica romana», pois a Igreja Católica no Brasil acaba sendo sinônimo da própria palavra igreja e é um compartilhado que não precisa tantas especificações para se fazer entender. O vocábulo “Igreja” remete à Igreja Católica, automaticamente (MONTERO, 2009). Assim, é estranho ouvir a expressão integral da figura pública.

Sendo assim, consideramos a fala de Mãe Dináh como um dado de campo que aponta para outras referências a serem buscadas, a serem complementadas por ou-

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: rshicardo@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>.



tras qualidades de pesquisa social empírica. Quando a sua declaração é contrastada com suas práticas de adivinhação, podemos observar já aí uma divergência. O problema se complica ainda mais quando vamos analisar a impressão de internautas sobre a figura pública, pois muitos deles a consideram umbandista, e afirmam: “Acho que ela era da umbanda” (YAHOO, n.d.) e “Benedicta Finazza (Mãe Dináh) da “Umbanda” teve experiências” (WELLERSON, n.d.). Encontramos também, através de informantes, uma Mãe Dináh, publicamente mãe de santo e que atua na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

A umbanda, todavia, também não comporta o esoterismo, apesar de possuir vidência por conta de seu conteúdo espírita. Assim, a fala de terceiros também é possível de ser posta em perspectiva e em dúvida. Nesse caso, o trabalho do sociólogo talvez seja dificultado, porém também é uma oportunidade de o cientista lançar um discurso diferente e que contribua para um debate público sobre a cultura brasileira.

Um último aspecto que precisa ser ressaltado é que, quando formos nos referir ao catolicismo sem ser o declaradamente católico, estamos nos referindo ao catolicismo difuso:

[...] que se sedimentou na cultura ocidental, e que deixou sua marca em nossa configuração do espaço e do tempo. Importante lembrar que esse catolicismo cultural não pode ser confundido com a instituição Igreja Católica. O catolicismo cultural e difuso é mais abrangente. [...] Ainda se pode ver, nesse catolicismo, uma forma de religião cívica, instrumentalizada pelo poder político para legitimar a ordem social, e como elemento fundamental na transmissão de valores cívicos e morais.

Ainda, o catolicismo, em determinados casos, tende a se apresentar como uma metacultura, que acaba por absorver e incorporar a heterogeneidade, a diversidade e a diferença (RANQUETAT JÚNIOR, 2012, p. 31).

Não se trata, portanto, de se referir apenas à parcela da população brasileira que se declara como católica: trata-se de explicar sobre características dessa religiosidade que reverberam na cultura brasileira, e que são vividas mesmo sem o referente teológico. Como veremos adiante, o catolicismo está ligado umbilicalmente ao povo brasileiro, e sua ressignificação por meio do trânsito religioso é um dado interessante para estudos sobre religiosidade.

Assim, a trajetória desse texto será a de, após contextualizar a própria investigada, revisar bibliograficamente as duas pertencas apontadas; em um terceiro momento, vamos também analisar algumas falas públicas para tentar apreender esse catolicismo em fluxo e trânsito.

## 2. O duplo e o trânsito religioso

Antes de empreender o esforço investigativo, precisamos definir Mãe Dináh como uma celebridade. Ou seja: não nos interessa diretamente a civil Benedicta Finazza (1930-2014), mas sim o seu duplo, que é a vidente que aparece publicamente e dá as declarações a serem analisadas. Abordamos essa identidade a partir do conceito de estrela:

A estrela é, efetivamente, determinada pelo seu duplo na tela. Não é nada, já que a imagem é tudo. A psicologia das estrelas requer uma incursão prévia pela psicologia do desdobramento [...]. Desvalorizada por seu duplo, fantasma de seu fantasma, a estrela não

pode escapar ao seu próprio vazio a não ser pela diversão, e não pode se divertir a não ser pela imitação de seu duplo [...] (MORIN, 1989, p. 46)

Assim sendo, Mãe Dináh é essa entidade dupla que é a mais memorável para o público em geral:

[...] considerada uma personalidade notória dos meios de comunicação com suas visões iluminadas, na maioria das vezes sobre o meio artístico. Previu, entre outras coisas, a morte dos Mamonas Assassinas; Mãe Dináh afirma que, quando os via na televisão, eles já estavam totalmente envolvidos em fumaça preta (LIMA, 2009, n.p.)

A bibliografia acadêmica aponta nessa direção também, ressaltando sua figura como notória. Um trecho, no estudo “Consumindo o candomblé: estudo sobre a comunicação dos objetos dessacralizados e trocas sógnicas na pós-modernidade”, no qual o autor – um cientista da comunicação que está analisando o consumo de simbolismo religiosos –, afirma: “E as previsões catastróficas de Mãe Dináh em 1996, ‘quase reivindicando a autoria da morte’ dos Mamonas Assassinas?” (SANTOS, 2006, p. 16). Outro ponto de revisão bibliográfica foi dado no artigo de Benetti e Dalmaso (2014), também comunicadores, que analisam quanto o imaginário brasileiro consegue reter dos acontecimentos: no levantamento, a estrela faz parte de um rol de outras representações memoráveis nutridas pelos sujeitos de pesquisa:

No campo das imagens reais, os leitores se lembraram do Triângulo das Bermudas, do navio Titanic, da vidente Mãe Dinah, do cantor Belchior, da cantora Courtney Love, do

“Padre do Balão” e das mortes de Ulysses Guimarães e Eliza Samudio. Também acionaram imagens relacionadas à política e a instituições brasileiras, bem como a uma campanha publicitária cujo slogan é ‘pergunta no posto Ipiranga’. (BENETTI; DALMASO, 2014, p. 169)

A partir desse ponto, o assunto é ignorado pela bibliografia, pois a estrela é apenas uma referência de cultura pop em meio a tantas outras, e não adquiriu uma magnitude tal a ponto de ser estudada integralmente em seu caso. Por esse motivo, vamos lançar mão de sites sobre celebridades, que podem trazer informações preciosas na delimitação do objeto. Tal uso dessa bibliografia não é aleatória, há justificativa metodológica, mesmo que esse tipo de jornalista não opere com muitas fontes de informação; por outro lado a sua coleta permite acesso a dados que poderiam não aparecer em uma entrevista presencial. Ademais, essa qualidade de evidências revela opiniões pontuais em uma controvérsia pública que ocorre circunscrita a uma fatia específica de público, que busca nas redes temas relacionados à personagem em questão: “Nosso objetivo primordial foi mapear as negociações e controvérsias que vêm, em meio a tensões e alianças” (GIUMBELLI; CARNEIRO, 2012, p.11). Não pretendemos aqui utilizar comentários ou informações jornalísticas como se elas exprimissem uma espécie de “opinião pública geral”: a variedade visibilizada pela controvérsia é o nosso foco. A ideia, aqui, é mostrar o quanto há fluidez na prática religiosa de Mãe Dináh, decomposta em elementos nem sempre coerentes e estáveis entre si.

Para retratar essa riqueza, optamos pelo conceito de trânsito religioso, que possui vários sentidos (literalmente) possíveis, além

de lógicas distintas, a depender do autor e do caso estudado. Conforme diversos intelectuais tentaram mostrar, a religião passa por profundas transformações na modernidade, a começar pelo processo de desvinculação entre religião e poder político. Nesse processo, o lugar da religião na esfera pública também deixa de ser evidente, e diversos intelectuais e ativistas de várias vertentes passam a interrogar se a religião tem ou não o direito de transcender a esfera privada, colocando em questão a sua dimensão propriamente coletiva. Para diversos autores, a religião passa a ser vista não como determinante da identidade do sujeito (SOUZA, 2006), e sim como uma opção de vida. É neste momento, que a religião deixa de ser a marca de um “povo”, em que a máxima “*Cuius regio, eius religio*” se faz não apenas normativa, mas uma descrição, e as sociedades abrigam mais variedades culturais. Nesse sentido, a modernidade abre a possibilidade de um desenraizamento por parte do sujeito que pode, então, aderir a opções diferentes daquelas presentes em seu núcleo familiar, sem sofrer sanções sociais correspondentes, ao menos por parte da esfera pública de forma mais generalizada.

Essa tendência de errância tem se tornado bem comum no mundo todo, o que indica um desencajamento com as instituições tradicionais (SOUZA, 2006), especialmente levando em conta o pluralismo brasileiro: “Os migrantes religiosos geralmente recusam laços de pertença definida, e apegam-se a crenças e práticas que lhes parecem melhor adequar-se a si e ao estilo de vida que escolheram” (BARTZ, 2012, p. 259). O trânsito religioso no Brasil tem sido um fenômeno muito importante nas ciências sociais da religião, muito por conta da enorme e recente conversão de católicos a religiões neopentecostais (COELHO, 2009) e tam-

bém por conta da análise de censos (BARTZ, 2012) que mostram um aumento quantitativo de opções religiosas expressas (ALMEIDA, MONTEIRO, 2001). Esse foi o fenômeno que tornou tão relevante o conceito, que motivou debates teóricos mais avançados. O trânsito religioso, assim, é um fenômeno que pode ser lido em vários sentidos, primeiramente nas dimensões formal ou *strictu*: 1) a circulação de pessoas pelas instituições e opções religiosas (BARTZ, 2012); 2) a reelaboração de práticas religiosas a partir de justaposições com outras crenças e ideias que circulam (ALMEIDA, 2013, ALMEIDA, MONTERO, 2001; BARTZ, 2012) – isso seria o que muitos autores chamam de “mão dupla”, isto é, a circulação tanto de pessoas como de ideias. Mas Almeida (2010) acrescenta mais uma dimensão: 3) o fluxo religioso individual na trajetória de vida individual. A concepção por nós adotada, após a revisão bibliográfica, é a seguinte:

O trânsito religioso acontece quando, diante de um fato/ideia inesperado, o processo de ancoragem falha e não ocorre a objetivação, o que gera uma tensão e uma crise nos conhecimentos prévios; nesse momento inicia-se um processo de efervescência interior: o sujeito delibera a partir das representações sociais disponíveis, olhando-as na busca do sentido até encontrar aquelas que respondem melhor à demanda gerada pelo fato/ideia. É nesse momento que acontece a circulação, coexistência ou mudança de opção religiosa (LOPES, 2019, p. 156).

Nesse caso, podemos observar que Mãe Dináh ilustra uma verdadeira troca entre diferentes instituições religiosas, evidenciadas por meio de sua prática resultante. Os acontecimentos que chegam até ela, não podem ser codificados apenas por meio da liturgia

católica, de modo que esta é complementada com elementos de outras práticas religiosas, como as esotéricas. Esse movimento ficará bem evidente no levantamento de sua bibliografia.

### 3. O duplo Mãe Dináh – Benedicta Finazza

O objetivo desta seção é abordar, brevemente, o nascimento de Benedicta Finazza, o surgimento de Mãe Dináh e o enterro de Finazza, entremeando-se essa narrativa com a repercussão de algumas adivinhações. O primeiro passo heurístico para essa busca seria o de se visitar seu site oficial, para colher mais material de autoria da estrela, porém ele não mais existe. No entanto, ainda há rastros digitais sobre ele:

Ainda de acordo com seu site oficial, ela nasceu em São Paulo, filha de pai italiano e bisneta pelo lado materno de tupis-guaranis, e passou a infância no bairro do Paraíso. Aos 3 anos começou a demonstrar suas habilidades sensitivas para a família, o que de início assustou os pais, muito católicos. Aos 13 anos, a menina Benedicta começou a dedicar-se à atividade de vidente, passando a atender não apenas familiares, amigos e conhecidos (VICENTINI, 2014, n.p.).

Podemos observar que sua trajetória como Mãe Dináh teve início precocemente, em termos de idade. O duplo praticamente nasceu junto com Benedicta, ao menos se manifestou na convivência quando a criança já havia desenvolvido a faculdade de se comunicar:

Antes, porém, já era um dos principais nomes no meio místico da cidade e sempre era ouvida em emissoras de rádio e jornais populares em previsões para torneios esportivos importantes, por exemplo. Acabou marcada também por uma série de palpites equivocados, como anunciar que 1994 seria excelente para o piloto Ayrton Senna, meses antes de sua morte. Também previu o início da III Guerra Mundial para 1984 e em 1990 disse que Fernando Collor faria um ótimo governo. (MÃE..., 2016, n.p.)

É interessante que a figura pública tinha algumas manias: “Ela gostava de dizer que preferia fazer suas previsões ‘de novembro para frente’” (TAKANO; FREITAS; PRADO, 2014, n.p.), o que demonstra aspectos esotéricos na sua visão de mundo<sup>1</sup> religiosa. Nos anos 1990, a vidente tornou-se popular no meio das celebridades por conta de suas previsões acertadas, ou erradas. Já no século XXI ela persistia nas mídias de massa como uma paródia de si mesma, mais do que ser relevante por seu potencial adivinhatório. Essa nova fase ficou ilustrada em seu trabalho na emissora de televisão Music Television: “Ela virou motivo de brincadeira de comediantes, como do humorístico Pânico na TV. Ela levava tudo isso no bom humor. Em 2013, Mãe Dináh protagonizou o comercial da nova MTV, no qual ironizava suas próprias previsões” (TAKANO; FREITAS; PRADO, 2014, s/p). Vale notar que “Em 1996, ela chegou a concorrer ao cargo de vereadora em São Paulo pelo PFL (Partido da Frente Liberal), na mesma coligação que o então candidato a prefeito Celso Pitta” (A VIDENTE..., 2014, n.p.). Ou seja, há uma possibilidade de se realizar uma in-

1. Quando nos referimos à visão de mundo, não estamos utilizando o sentido pejorativo do iluminismo. Estamos pensando mais em enquadramento de mundo que explica uma percepção.

interessante análise política da figura pública, porém o nosso foco segue sendo a dimensão da religiosidade pública.

O fim da trajetória da investigada, no entanto, foi comunicado com a nova fusão das metades complementares: “A vidente Benedicta Finazza, mais conhecida como Mãe Dináh, morreu na última sexta-feira (2), aos 83 anos, em São Paulo. A família da sensitiva informou [...] que a causa da morte foi falência de múltiplos órgãos” (VICENTINI, 2014, n.p.). Outra informação dá conta de que

De acordo com o Hospital da Luz, a médium deu entrada na quarta-feira (30) e foi internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Ela era portadora de miastenia grave, uma doença neuromuscular [...] ‘Em função desse quadro de saúde delicado, desenvolveu problemas no trato urinário e gastrointestinal, e o quadro evoluiu para falência múltipla dos órgãos’, informou o hospital em um comunicado. (A VIDENTE..., 2014, n.p.)

A doença era neuronal, e essa informação também abriria outra possibilidade analítica pelas ciências da saúde. É interessante, porém, o destaque dado à sua morte, pelos repórteres que visitaram também o velório, além de comunicar a morte por meio de uma nota à imprensa. Ademais, teceram considerações que nos pareceram muito interessantes, de um ponto de vista antropológico:

O corpo está com um vestido laranja que a esotérica gostava. Há três coroas de flores na sala velatória, duas da família e uma de um cliente de Curitiba. No começo da tarde deste sábado, cerca de 20 pessoas, entre familiares e amigos, estavam no local para se despedir. Ainda abalada, a filha de Mãe Dináh, a psicoterapeuta Sandra Buglian, falou com a re-

portagem. Contou que a morte da mãe aconteceu ‘de forma inesperada’. Foi tudo muito rápido, tanto que ainda não conseguimos avisar todos os familiares. Ainda não acreditamos que ela faleceu (TAKANO; FREITAS; PRADO, 2014, n.p.)

Ou seja, o ritual católico do enterro não foi presenciado por uma grande lotação de sujeitos dispostos a expiar. De todo modo, mesmo que a vidente tenha previsto sua morte em outra ocasião, ainda houve uma surpresa por parte de sua família: “Mãe Dináh previu a própria morte quando no ano passado disse que a hora dela ia chegar e ela estaria em casa, e não estaria vestida de acordo para essa saída que seria inesperada para outras pessoas não para ela” (MORRE Mãe Dináh, 2018. O erro da previsão estaria, nesse caso, que sua morte aconteceu em um hospital. Nesse momento, emerge o duplo privado, que passa a ser importante para fechar a trajetória do duplo público:

Sandra revelou que, apesar de pequena, “a família é muito unida”. – A gente brincava que ela era a general da família. Estamos perdidos agora, não sei como vai ser daqui para frente. Ficam várias lembranças da minha mãe, mas o mais importante são os conselhos que ela sempre me dava. Foi uma mãe muito querida e amada (TAKANO; FREITAS; PRADO, 2014, s/p)

Desse modo, é possível perceber que há o compartilhamento de características entre os duplos. Se para a dimensão pública resta a previsão, para a dimensão doméstica restam os conselhos. Todavia, o duplo mãe parece que atraiu mais indivíduos para o enterro, constituindo na imprensa o interesse residual pela estrela, cujo duplo civil, em uma linguagem metafórica, se apagava na-

quele momento. Foram encontrados muitos comentários nas notícias sobre sua morte, o que mostra um interesse público, no mínimo, latente no ocorrido.

#### 4. O Cristianismo e as previsões<sup>2</sup>

O catolicismo foi a religião oficial do Brasil Colônia até o advento da República. Esta última se estabeleceu e determinou, constitucionalmente, o princípio de laicidade como a relação do Estado com outras religiões. Todavia, o catolicismo não se retirou da esfera pública como uma diversidade religiosa, e estabeleceu uma relação de “tolerância hierárquica”: outras variedades foram perseguidas através de estratégias legais e de agentes privados, utilizando-se de acusações de crimes de charlatanismo. Isto aconteceu nas primeiras décadas do século XX (MARIANO, 2003), dentro da lógica das correntes higienistas, criminológicas e científicas, que buscaram estabelecer uma ordem e um espaço público modernizados. Nesse sentido, a Igreja Católica passou a ser o modelo jurídico de religião e de culto religioso. A polícia e o Judiciário reprimiram ritos, cultos e práticas afro-brasileiras até os anos 1940.

Segundo Mariano, os católicos empreenderam esforços para dificultar a expansão de correntes religiosas até a década de 1950, em um esforço que visaria garantir a identidade de uma “Nação Católica”, de modo que, no ano de 1939, teria sido criado o Departamento de Defesa da Fé. Em 1953, quando começou a deslançar uma modernização urbano-industrial e, ao mesmo tempo, uma expansão do pentecostalismo, da umbanda (nas camadas populares), e do

espiritismo (nas camadas médias), a reação católica teria sido a de criar uma Secretaria Nacional para a Defesa da Fé e da Moralidade (MARIANO, 2003).

Nos anos 1950, não existiam, ainda, iniciativas institucionais para se garantir o pluralismo religioso (o que só foi acontecer no ano de 1975), mas já acontecia um processo chamado Destradicionalização Religiosa. Na sociedade civil, as questões religiosas começaram a ser consideradas como opção, uma vez que as pessoas começavam a não viver mais de perto as suas comunidades eclesiais e nem a seguir tão fortemente os sacramentos locais (MARIANO, 2003).

Foi a crescente popularidade das religiões neopentecostais que ocasionou o rompimento com o sincretismo hierárquico, que fazia com que o catolicismo organizasse as outras crenças religiosas, gravitando ao seu redor como se fossem satélites, numa relação de protagonismo. Neste momento em que há uma disputa declarada entre as religiões, estabelece-se o modelo pluralista, que é o que permite a existência de várias opções, e que tem como motor a disputa por adesões de fiéis (MARIANO, 2003). É possível se afirmar que foi a expansão pentecostal que estabeleceu a modernidade religiosa, porque estabeleceu a competição entre as variedades.

Revista a relação do catolicismo com o Estado brasileiro, cabe agora uma problematização teórica sobre a concepção de tempo cristã, que é o que dá espaço para o desejo pela previsão. É essencial ressaltar que existiram na religião, profetas que até previram o futuro, mas essa previsão servia para acontecimentos sagrados.

2. Esta seção foi construída com base em uma revisão bibliográfica de Ricardo Mariano. No entanto, há um dissenso da literatura sobre os tópicos levantados pelo autor, com autores que discordam do sociólogo, tais como Ronaldo Almeida (2006) e Paula Montero (2006), entre outros.

Para os acontecimentos cotidianos, no entanto, os profetas não “revelavam”, pois isso seria contaminar o sagrado com o terreno, em uma concepção que perpassa as diferentes correntes do cristianismo, entre elas a pentecostal:

Não somos contra as profecias do Espírito Santo, porque a Bíblia afirma que a Igreja que não possui profecias, ela se corrompe. Mas devemos Ter o discernimento do Espírito Santo para distinguir entre Deus falando para seus servos e o homem tentando usar as revelações, quase sempre da carne para conquistas materiais (CUNHA, 2009, s/p)

Dessa forma, por mais que haja divergências entre o protestantismo e o catolicismo, há a questão da possibilidade de existir falsos profetas. Ainda no cristianismo, e em especial no catolicismo, há uma concepção de tempo que se quer linear, que é diferente do helênico, que privilegia o passado, e também do hebraico, que privilegia o futuro. O cristianismo possui preocupação com o passado, o presente e o futuro, lidos através de dois polos: Gênesis e Apocalipse, com o centro sendo o advento de Cristo. Essa é a linearidade ou a vetorialidade: cada coisa que acontece no tempo só ocorre uma vez e é carregado de significado (LECCARDI, 2005).

De um ponto de vista mais teórico, a linha reta possui vantagens com relação a outras formas geométricas. Primeiramente, é possível observar-se nela toda a sua extensão, desde que os dois pontos estejam visíveis.

[...] a linha reta é o caminho mais curto. O mais curto pode ser interpretado [...] do ponto de vista do condicionamento, como um esquema da imaginação que determina o espaço em conformidade com o conceito (linha

reta definida como suscetível de ser superposta a si mesma em todas as suas partes). (DELEUZE, 1988, p. 161)

A linha reta, portanto, tranquiliza quanto à sua forma, pois o seu desenvolvimento é visível no todo, e há a previsibilidade para o olhar, que sabe o que esperar. Também, em teoria, a linha é o caminho mais curto entre dois pontos – o que não se aplica na dimensão física completamente, pois para a engenharia, é preciso considerar a curvatura da terra em seus cálculos de maior escala. A linha de tempo cristão no mundo material, preenchida pela sucessão de fatos, possui os dois pontos extremos delimitados (Gênesis e Juízo final), mas apenas parte da linha está preenchida, aquela com os fatos do passado. Isso gera uma ansiedade com relação ao preenchimento futuro da linha, mesmo que a Bíblia afirme o contrário em alguns versículos: “Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal” (Mateus, 6:34). Nesse caso, as previsões de outros sistemas religiosos podem sanar um pouco essa ansiedade ao desenhar um futuro. É o caso das religiões mediúnicas, que acolhem as experiências anômalas extra-sensório-motoras, e oferecem explicações acessíveis e reconfortantes. “Há, nessas religiões, uma exaltação daqueles que manifestam “habilidades mediúnicas”, ao contrário de outras religiões, como a católica” (MACHADO, 2010, p. 475). Isso fica patente em alguns intelectuais católicos:

Bem outra é a situação quando a iniciativa é nossa, querendo nós provocar alguma conversação com entidade do além. Quem pretende provocar a manifestação de algum falecido para dele receber mensagem ou notícia pratica um ato chamado pelos antigos de

necromancia, expressão que vem do grego nekros = falecido e mantéia = adivinhação. E quem intenta comunicar-se com o além com o fim de colocá-lo a serviço do homem realiza um ato já conhecido pelos antigos como magia. Quando a esperada ação da evocada entidade do além é a favor do homem ou para o bem, chama-se magia branca, mas será sempre “magia”. E se for para o mal, será magia negra ou malefício, feitiçaria, bruxaria (KLOPPENBURG, 2017, n.p.)

Sendo assim, não há uma valorização teológica da habilidade, porém a ansiedade com o futuro segue sendo uma possibilidade. Dessa maneira, as práticas mediúnicas, sem serem explicitamente mediúnicas, preenchem esse nicho de ansiedade sem o pesar da culpa pela heresia, o que é explicitado em outros momentos:

No mesmo sentido, a Revista Veja (25 de dezembro de 1991) publica uma sondagem realizada pela agência publicitária LPM, sobre a religiosidade de classes médias de três cidades (Rio, São Paulo e Brasília): “sete em dez [católicos] tinham o costume de consultar cartomantes, videntes, tarólogos ou frequentar sessões espíritas e tendas de umbanda e candomblé. (D’ANDREA, 2000, p. 66)

Como se trata de uma religiosidade mediúnica, talvez a umbanda, por exemplo, consiga responder a essas questões justamente por possuir, em seu interior, representações cristãs hibridizadas. Esse sincretismo de ponto de partida permite um maior encaixe com a teologia, sem ocasionar tantos traumas com relação a um desvio da doutrina.

O caso das adivinhações serem incorporadas pelo catolicismo é um claro exemplo de trânsito religioso, pois a prática está cir-

culando com força e Mãe Dináh é um exemplo disso. Não se trata, obviamente, de uma explicação do tipo “razão prática”, cuja estrutura de fundo é uma ansiedade psicologizante. O que buscamos aqui é analisar o modo como diferentes elementos difusos no campo esotérico brasileiro, no qual, definitivamente, a umbanda desempenha um papel de destaque, aparecem, de alguma forma, nas definições que Mãe Dináh dá de suas práticas divinatórias. Vamos utilizar o caso dessa personagem para demonstrar como elementos da umbanda esotérica, bem como de outras tradições religiosas, permeiam suas práticas divinatórias que não se “disciplinam” por nenhuma religião organizada. O fato dela reconhecer-se unicamente como católica, aponta para esta “indisciplina” da sua prática como vidente, que acontece numa esfera paralela àquela das religiões e suas fronteiras. Demonstra como elementos da umbanda, que circulam num ambiente de fluxo e trânsito religioso, podem ser identificados nas práticas e discursos da vidente.

## 5. Um dos ingredientes: Umbanda e a sua variedade esotérica

A Umbanda é considerada como uma religião afro-brasileira, entre as que se desenvolveram no Brasil e incorporaram elementos das religiosidades tradicionais africanas. Há uma relação bem estudada dessas religiosidades com o Estado brasileiro: mesmo que estas não sejam juridicamente perseguidas, são invisibilizadas, inclusive a Umbanda e o Candomblé (BONIFÁCIO, 2017). Vale mencionar a abertura do país às igrejas protestantes tradicionais na República (MENDONÇA, 2005), o que é um movimento paralelo a este da perseguição policial e “cien-

tífica”, formulada em termos seculares, com relação às religiões de matriz africana.

Segundo afirmam os autores, provavelmente tendo como modelo o protagonismo católico de culto e de religião, a umbanda ainda é exercida na vivência, mesmo que isso redunde marginalização ainda atual (POMBO, 2015). Outros autores concebem, ainda, uma exclusão social por parte da Umbanda, alguns realizando até mesmo estudos geográficos: terreiros/tendas/ templos não são tão visíveis quanto outros prédios religiosos, pois estão em locais afastados e em bairros periféricos, além de não possuírem placas indicativas (POMBO, 2015). Se abstrairmos, por um momento, as suas derivações, resta a pergunta do que seria a umbanda “original”? Essa mesma, em si mesma, já é uma mistura entre “Candomblé, Kardecismo, Catolicismo, de cosmologias indígenas” (BONIFÁCIO, 2017).

O Kardecismo é um culto que apareceu por volta das décadas de 1920 e 1930 no Brasil, com kardecistas cariocas, paulistas e gaúchos da classe média mesclando sua religião com tradições afro-brasileiras (POMBO, 2015). É interessante que daí partiu um processo de individuação: “Diferenciando-se de suas matrizes originais, singularizou-se e se tornou uma nova religião, uma religião genuinamente brasileira” (BARROS, 2010, p. 177), o que a tornou uma metáfora da vida brasileira (ISAIA, 2009).

Do ponto de vista da simbologia, a divindade maior seja do seja do kardecismo que da umbanda, especialmente tem muitos nomes, Zambi, concebido como perfeito, não criado ou concebido. Abaixo dele o Orixá-maior, Oxalá, que, inclusive é identificado com Jesus Cristo. Oxalá comanda os orixás, que são espíritos evoluídos e desencarnados ao estilo kardecista. Orixás e os santos, num total de sete, comandam as linhas, que são

heranças indígenas – faixas de vibração espiritual referentes a cada elemento da natureza: Orixalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Yori-má/Obaluyê (preto-velho), Yori/Ibeji (criança) e Iemanjá. O contato direto com os espíritos é realizado através dos chefes de falange (ou entidades), que guiam na mesma linha espíritos menos evoluídos que os orixás. Logo abaixo deles, vem o que mais nos interessa – os guias espirituais –, pois eles são mensageiros dos orixás e dos santos, porque cada orixá ocupa uma linha e todas as pessoas que nascem acabam adentrando uma delas (KUCHENBECKER, 2004). Assim, essa possibilidade de mensagens é relevante para a cosmovisão de Mãe Dináh, porque ela tem a ver com a possibilidade de infinito aperfeiçoamento do espírito, que é individual e possui livre arbítrio. Dessa escolha pode partir a harmonização, que é ditada pelo karma:

[...] o espírito reencarnará e sofrerá a lei do carma, segundo a qual o estado atual do ser humano é decorrente de atos passados, à semelhança do hinduísmo e do kardecismo. No decorrer de uma encarnação, o ser humano terá, de um lado, entidade que o querem ajudar, e de outro, entidades que o querem prejudicar. As entidades que o querem ajudar são denominadas de orixás, e as que querem prejudicar são conhecidas como kimbas, extremamente violentas, vingativas e cruéis (KUCHENBECKER, 1998, p. 62)

Como veremos adiante, Mãe Dináh busca sempre filtrar as entidades que desejam ajudar, os espíritos bons. Talvez eles possuam uma vibração parecida com a dos orixás e por isso podem ser bons. De qualquer maneira, ainda existe o Exu, que impede os kimbas de acessarem zonas espirituais mais elevadas, além de castigar e proteger pela lei do carma (KUCHENBECKER, 1998).

Uma figura muito importante é o pai/mãe-de-santo, que permite que o orixá se manifeste dentro das suas qualidades específicas. São suas funções: “incorporar o espírito protetor, identificar os espíritos que baixam, riscar o ponto, explicar a doutrina, dar os passes, curar as doenças e adivinhar pelos búzios” (KUCHENBECKER, 1998, p. 64). Cumpre ressaltar que alguns especialistas adotam uma visão bem crítica para essa variedade, afirmando que ela faz parte de um movimento de “embranquecimento”, de apagar da prática afro-brasileira elementos “primitivos” ou “deslegítimos”: elementos como sacrifícios de animais, oferendas materiais, tambores, etc. (OLIVEIRA, 2014).

Um traço muito importante da Umbanda é a mediunidade, noção vital para este estudo por conta da atividade fim da investigada. Nessa religião, ela é incorporada e é constituída por seis elementos: assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação – para mostrar que se chegou à realidade transcendente (ZANGARI, 2007).

Portanto, são elementos presentes no interior da própria religião, e que ajudam a explicar parte do fenômeno, como veremos adiante. Nos anos 1970, houve mudanças na Umbanda, que foi a contracultura: “Ocultismo oriental e mais estudos da Rosa Cruz e da teosofia acabaram resultando numa concepção nova, a Umbanda Esotérica” (GUERRIERO, 2014, p. 42).

Os anos 1990, em específico, demarcam uma efervescência no interior da religião, pois alguns intelectuais tentavam se aproximar do letramento espírita (ISAIA, 2009). Essas efervescências religiosas correram em paralelo com a fase dos meios de comunicação brasileiros que, nessa mesma década, passava por uma fase chamada de “esquentamento” da notícia, uma maneira de se enfatizar o espetáculo: “atropelaram-se

princípios básicos de direitos individuais, deixou-se de lado a objetividade e a isenção, abriu-se espaço para chantagistas, para dossiês falsos. Não raras vezes, levou-se o país à beira da desestabilização política” (NASSIF, 2003, p.13).

A partir dessa perspectiva, junto ao ocultamento haveria também muita desinformação, o que contribui ainda mais para o preconceito, especialmente com religiões afro, como já alertaram autores citados neste artigo. Mas a Umbanda também possui variedade interior, que provavelmente não é tão conhecida justamente por esse acobertamento. Uma delas é a Umbanda que se articula com o movimento New Age e deu origem a algumas variedades: “Vale do Amanhecer, Santo Daime, Barquinha, Umbanda Mística, Umbandaime, etc.” (OLIVEIRA, 2014, p. 75).

No caso de Mãe Dináh, que se declarava publicamente como terapeuta holística, sensitiva e vidente, essa mistura fica bem evidente. Isso se encaixaria com a descrição de uma Umbanda esotérica:

No entanto, além dos sincretismos originais [...] incorpora, agora, ensinamentos esotéricos das mais variadas correntes. A emergência de tal culto estaria vinculada aos próprios processos de transformação sofridos, o que inclui o fluxo de agentes sociais oriundos de outros estratos sociais, que teria trazido consigo elementos da contracultura, abarcando elementos do ocultismo oriental; estudos da Rosa Cruz e da teosofia acabaram resultando numa concepção nova: a Umbanda Esotérica. (OLIVEIRA, 2014, p. 175)

Importante ressaltar que “a Umbanda Esotérica é fundada nos anos de 1950 pelo Mestre Zartú, em São Paulo, tido pelos adeptos como um Mestre Indiano” (OLI-

VEIRA, 2014, p. 177). Essa vertente consegue manter a questão da mediunidade, mas a ressignifica, como o faz com os elementos da Umbanda “original”: as entidades são muito mais elementos performáticos do que objetos de culto, são seres intergalácticos, do Astral Superior, o que faz deles espíritos de luz. Mas há também outros aspectos:

[...] a existência de um novo momento, uma NE, no sentido amplo, marcado pela harmonização entre o corpo e o espírito, entre os diversos polos que estavam (estão) apartados, no momento atual, delimitando uma utopia otimista com relação ao futuro[...] a centralidade na ideia de Energia como algo que mobiliza as práticas dos sujeitos (OLIVEIRA, 2014, p.177)

Também “a Umbanda Esotérica lança suas marcas identitárias às míticas civilizações de Atlântida e Lemúria, além do exotismo oriental da antiga Índia” (GUERRIERO, 2009, p. 42). A literatura, também, aponta que existem no mínimo duas fases na Umbanda Esotérica. A primeira foi inaugurada por Woodrow Wilson da Matta e Silva (Mestre Yapacani), quando fundou a Tenda da Umbanda Oriental. Em 1956, é publicada a primeira obra, *Umbanda de todos nós*. A segunda fase veio com Francisco Rivas Neto (Pai Rivas ou Mestre Arapiraga), discípulo de Matta e Silva e médium na mesma tenda, que busca aprofundar conceitos do seu mestre na obra *Umbanda - A proto-síntese cósmica* (PEIXOTO, 2015).

Conhecido esse arcabouço inicial, podemos avançar para a análise do corpus, constituído pelas declarações colhidas. Em seguida, vamos cotejar essas declarações com a Umbanda Esotérica.

## 6. Mãe Dináh

Nesta seção vamos confrontar declarações da estrela com a revisão bibliográfica. Elas foram extraídas de entrevistas ou de participações em programas de televisão, pois seus livros não são tão populares a ponto de construir a figura, nem seus escritos online estão mais disponíveis. Assim, o duplo expressa-se, e conseguimos investigar as ideias que são comunicadas.

### Dom

Por ser uma figura midiática, Mãe Dináh concedeu muitas entrevistas. Começamos por uma informação que aparece porque foi suscitada pela curiosidade de um entrevistador da internet:

Pergunta: A senhora segue alguma linhagem esotérica ou mística? Seria a parapsicológica de Cayce e Swedenborg, a de Nostradamus ou Barão de Itararé; ou ainda a vidência espírita Kardecista?

Resposta: Nenhuma delas...apesar de respeitá-las todas. Sigo unicamente meus instintos. (LIMA, 2009, n.p.)

Mãe Dináh respondeu que, para realizar sua atividade, guiava-se unicamente pelos seus instintos, sem possuir, portanto, uma educação formal no campo esotérico. Dessa forma, a capacidade desemboca em uma condição de dom – representado na palavra “instintos” –, que é natural e congênito. Dom, neste caso, de prever o futuro e de ver coisas sobrenaturais, algo que o olho humano não logra. É de se ressaltar que, a despeito da fala do duplo, ainda exista a influência, mas esse não é nosso foco primordial.

No site oficial da vidente, já fora do ar, aparece a mesma ideia de dom: “Em seu si-

te oficial, a vidente dizia que usava seu dom para ajudar. Estou sempre disposta a atender, aconselhar quem necessita. Minha função não é consertar o mundo. Peça com muita confiança que seu pedido será atendido”, afirmava (A VIDENTE..., 2014, n.p.). Segundo a revisão bibliográfica, o dom conflui para uma ideia da própria Umbanda Esotérica:

Vestida com uma roupagem elitizada, porque voltada para um conhecimento profundo, [a umbanda esotérica] acaba deixando de lado muito da magia mais pragmática tão comum na Umbanda. A magia, aqui, se transforma numa busca pelo conhecimento profundo e universal (GUERRIERO, 2009, p. 42)

Assim, há um conhecimento que é também universal, e que, se o umbandista esotérico precisa estudar para adquirir, Mãe Dináh já nasceu com ele. Portanto, é possível alcançar o saber sobre o futuro.

Essa ideia de dom é tão forte que o próprio nome da estrela é “desencantado” (literalmente) por ela. Isso acontece quando ela conta a origem do adjetivo “mãe”:

[O apelido]“Mãe” foi eu mesma [que atribui o nome]. Todo mundo na escola Rodrigues Alves [a chamava com esse apelido], ali na Vila Mariana, e quando eu estudava, como eu costumo dividir o que eu tenho com os outros desde pequena, e as pessoas que não levavam lanche na escola e tudo isso, eu dava metade do meu lanche. E daí eles me chamavam de mãezinha. As meninas e os meninos. (OTAVIO, 2012, n.p.)

Todavia, o restante do nome, “Dináh”, não apareceu explicado de maneira pública, e possivelmente não é derivação do nome Benedicta. Em uma pesquisa em motores

de busca pudemos encontrar que existe uma personagem bíblica com este nome, que é filha de Jacó e que aparece no livro Gênesis, mas ela é apenas mencionada nessas escrituras. É possível que também o nome Dináh tenha uma origem numerológica, sobre o qual pesquisamos em outro site: “O seu número de Ambição: 1 [...] Realizar coisas, assim como de encorajar, aconselhar e orientar outras pessoas” (NUMEROLOGIA..., s/d). Esse valor, efetivamente, a figura pública afirma possuir, então faria sentido ser adotado para o duplo. Agora que conhecemos o dom, podemos apreciar o que é feito com ele.

#### *Aviso aos envolvidos*

O foco das previsões de Mãe Dináh quase sempre recaía mais nos sujeitos do que nos riscos – no sentido descrito por Ulrich Beck. Seu dom era voltado para “salvar” pessoas, e isso fica bem evidente quando Mãe Dináh conta sobre a sua experiência com o piloto de automobilismo Ayrton Senna: “Eu tinha um previsto, quando ele foi fazer a última corrida, que seria uma corrida que ele deveria tomar bastante cuidado. Se você lembrar bem, quando ele foi fazer, ele parou um pouco pensativo, ele tinha estado comigo 20 dias antes” (MÃE DINÁH FALA..., 2010). Assim, Senna foi ajudado pelo dom, mas não o ouviu e a fatalidade foi literalmente inevitável.

Nesse aspecto, aparece o segundo ponto de ligação de Mãe Dináh com o catolicismo, pela receptividade da instituição e de católicos às suas previsões:

Sou católica apostólica romana, então tem uma coisa... outras pessoas de outras religiões não acreditam em vidência, não acreditam em sensitiva, não acreditam em nada. Eles acham que não existe, agora a gente

dando um alerta, se a pessoa respeitar, pode ser a religião que for, então pode ser evitada muita coisa (MÃE DINÁH FALA..., 2010)

Ou seja, suas previsões transcendem os sistemas simbólicos religiosos porque se referem a sujeitos, os quais são avisados individualmente. Assim, a piedade cristã fica exercida a partir da ferramenta da adivinhação, que ajudaria a espalhar a fé em Cristo. A transmissão dessas palavras acontece através de avisos:

Mãe Dináh, por que prever coisas tão distintas, desde desastres com personalidades até resultados de futebol e de outras competições esportivas? Não faço previsões por comando....elas fluem, e quando têm algum apelo midiático, as divulgo quando sou perguntada. (LIMA, 2009, n.p.)

Isso posto, além de se direcionar para sujeitos, as previsões não podem ser demandadas: elas chegam naturalmente à sua receptora e são expressas no momento em que a vidente é perguntada sobre. Segue a vidente: “O que serve para você não serve pra ele e nem pra ele. Cada um tem a sua personalidade” (ALMEIDA, 2013, n.p.). A personalidade, então, encarna a individualidade e torna necessária a consulta, como veremos mais adiante

Assim, após a visão espontânea, a estrela escolhia como iria transmitir o recado: “Eu falo pra ter cuidado com tal coisa, que pode acontecer o pior [...] o que a gente vê tem que ter cuidado” (OTAVIO, 2012, n.p.). Ou seja, o intuito da previsão é de prevenir hábitos ou atitudes consideradas como ruins, geralmente elegendo a maneira que considera positiva, no estilo da Nova Era (GUERRIERO, 2014, p. 911). Portanto, há uma complexidade na comunicação da mensagem:

[...] A Umbanda Esotérica possui doutrina de difícil compreensão e seus ensinamentos são passados de forma iniciática, ou seja, por meio de uma iniciação entre mestre e discípulo [...] Para leitores e estudiosos ainda não versados sobre o assunto, os sinais riscados não passam de riscos ou desenhos feitos a giz e que podem ser encontrados em rituais que utilizam a magia como parte de sua ritualística; ademais, são costumeiramente usados nos templos das umbandas. Mas, para o adepto da Umbanda Esotérica, os sinais riscados possuem um significado maior: são parte integrante da chamada Lei de Pemba e fazem uso da geometria e de caracteres pertencentes à denominada Grafia Sagrada dos Orixás (SOLERA, 2014, p. 10)

Existe, portanto, uma exigência de mudança de atitude, que faz com que o aviso torne a vidente em mestre que enxerga mais “longe”. Essa mudança de atitude também possui uma visão mais profunda, que não se reduz ao salvacionismo cristão.

#### *Mudança de atitude*

Mãe Dináh, pois, vê aquilo que é verdade. Mas a verdade não é factual, ela depende das ações que podem ser mudadas. É por isso, por exemplo, que cada previsão tem uma condicionalidade de atitudes. Essa questão pode ser explorada a partir de algumas falas:

Então a senhora não gosta de falar do apocalipse? São apenas coisas da imaginação. Mas as pessoas realmente acreditam nessas besteiras. Só Deus sabe quando o mundo chega ao fim. Eu não posso prever algo que não existe. Procuo ser uma pessoa positiva, mas, por causa do fim do mundo, conheço gente que

está vendendo a casa inteira e se preparando para morrer (MÃE DINÁH..., 2012, n.p.)

Em suas palavras, a sensitiva afirmou que não pode prever aquilo que não existe. Isto é, há um “estoque” de acontecimentos futuros que podem ser acessados por intermédio de espíritos – como se estes já estivessem “escritos” previamente. Essa nos parece uma noção de karma, porque o resultado dos acontecimentos futuros depende das atitudes atuais: “Essa é uma forte característica da Umbanda Esotérica, que se manifesta nas ações angulares do Karma – Ativo [...] No caso da Umbanda, as ações positivas criam condições para neutralizar ou equilibrar as causas e efeitos” (SOLERA, 2014, p. 19). E mais: essa é uma característica da própria Umbanda em sua raiz:

A palavra “AUMBANDAN” refere-se a um “vocábulo trino e sagrado” É A SÍNTESE OU REUNIÃO ENTRELAÇADA DO TODO CONHECIMENTO OU GNOSE HUMANA (...) É O PRÓPRIO ELO DE LIGAÇÃO VIVO ENTRE O QUE É ESPIRITUAL E O QUE É DO REINO NATURAL, ou seja, em sentido bem abrangente, É A PORTA, É O VEÍCULO DE RETORNO AO COSMO ESPIRITUAL e ao encontro DE NÓS SO KARMA CAUSAL. (PEIXOTO, 2015, p. 27)

A ligação, portanto, existe, mas o que seria o karma? “[...] o futuro de alguém é determinado por seus pensamentos, palavras e ações [...] O resultado é irrecorrível. É assim que se entende por que o Homem é hoje resultado de suas ações em estado anterior da vida” (KUCHENBECKER, 1998, p. 35). Mas não se trata apenas de um destino fechado, e sim de um destino cujos resultados futuros são possíveis de acordo com as ações empregadas no presente.

Assim, Mãe Dináh parecia querer que a

previsão não se concretizasse ao avisar os interessados, o que, sem dúvida, tira sua legitimidade como adivinha na medida em que o previsto não se concretiza. Porém, a previsão era comunicada nos meios de comunicação, e assim o duplo seguia aparecendo nas mídias e conseguia sentir que estava ajudando os indivíduos. A visão, portanto, não provém apenas da vidente, ela é mediada por todas essas instâncias: a falha de uma delas implica na visão falha, o que não a desautoriza como sensitiva.

O karma acumulado parece permitir que alguns espíritos possam permanecer entre os vivos depois de sua morte, ajudando na evolução global da humanidade. Podemos, agora, observar como esses espíritos compõem o sistema de Mãe Dináh.

#### *Espíritos bons*

Os espíritos bons parecem simbolizar o acúmulo de karma positivo, daí a sua evolução e a possibilidade de se tornarem conselheiros dos encarnados. Assim, eles podem permanecer entre os “vivos”, e isso fica explícito no fato narrado por Mãe Dináh, sobre a possível presença de sua avó relatado com a presença de sua avó:

Já [sobre visões]. Um dia que eu acordei e minha avó parecia que tava dormindo no meu quarto. Eu vi ela levantar do jeito que ela usava o chalé nas costas, vi ela caminhar. Não foi [um sonho]. Não fiquei com medo, eu agradei a visita dela [da avó]”. (OTAVIO, 2012, n.p.)

Embora o contato tenha sido com uma figura familiar, há outros relatos de presença de espíritos bons. Talvez todas essas aparições tenham dado origem à seguinte fala: “Não tenho medo de nada porque os mor-

tos não vêm fazer nada contra a gente, não” (OTAVIO, 2012, n.p.). O karma fica mais forte ainda nesta outra declaração: “Acredito que quando a pessoa morre, se ela é boa, aquele espírito pode ajudar muita gente” (OTAVIO, 2012, n.p.). Assim, os espíritos malignos não conseguem permanecer no mesmo plano, ou sua ação é ineficaz. A morte, aqui, aparece como definitiva apenas para alguns espíritos: “Não vai acabar [o mundo]. São criações dessas pessoas que falam, o mundo não acaba, acaba pra quem morre” (OTAVIO, 2012, n.p.). Há uma continuidade de evolução da humanidade, a partir da “filtragem” de espíritos segundo sua moralidade.

Essas ideias encontram ressonância na bibliografia: “Muitas dessas cumprem, principalmente, a função de “espíritos conselheiros”, realizam um atendimento público (em dias específicos), aberto a todos aqueles que desejam consultar-lhes” (PEIXOTO, 2015, p. 25). Essa questão de espíritos bons serem “depurados” para a convivência é um traço da New Age:

Assim, o passado é descartado quando traumático ou perturbador, e ressaltado quando agradável e positivo - mecanismo básico da Programação Neuro-Linguística, que vê o cérebro como um computador a ser reprogramado); e a memória torna-se fator impulsionador do livre-arbítrio individual, no sentido de construir uma imagem positiva do self, através do “auto conhecimento” e do “auto desenvolvimento”, conduzindo o sujeito à perfeição ou à perfectibilidade de seu ser (D’ANDREA, 2000, p.50)

O karma então, presentifica o passado nas consequências do espírito e permite a evolução. Vale ressaltar que a sua presença no mundo humano e a evocação dos espíritos é no mínimo uma polêmica no cato-

licismo: “A Igreja aceita a oração aos santos (pedidos humildes dirigidos aos justos, já no Céu, para que intercedam por nós), mas não aceita a invocação dos mortos (prática ritual que pretende obter mensagens dos mortos)” (A IGREJA..., 2017, n.p.).

### *Fumaça preta*

É quando os espíritos livres estão para serem “fabricados” a partir da morte? O principal sinal é a fumaça preta.

O recorrente uso da expressão “eu vi”, por parte da vidente, denota uma forte ligação de Mãe Dináh com o sentido da visão, o que mostra que a informação sobrenatural é transmitida majoritariamente por essa via. Além do espírito, também há um sinal dado aparentemente pelo “universo”, simbolizado por uma fumaça preta:

[é possível] Mudar o destino? Eu aviso... veja bem, quando eu chego a avisar, insisto, é porque a cabeça ou o rosto da pessoa aparecem, então a pessoa dá pra se salvar. Todos eles com o rosto coberto de fumaça. Eu avisei, mas não ia em casa, não cheguei a conhecer pessoalmente. Avisei o Eli Correia, com quem eu comentei. Ele é do jornal da Rádio Capital. Eu vi uns dois meses antes, eu não conheci eles pessoalmente. Na sacada da minha casa, como eu faço livro, eu tava escrevendo e vi aqueles rapazes cantando, né, na televisão, aí eu olhando assim, pra ele, me deu um mal-estar tremendo, que eu fiquei olhando, começando a subir aquela nuvem todinha, e cobrindo o rosto deles (MÃE DINÁH FALA..., 2010, n.p.)

A nuvem tapa a visão da vidente, e interdita o corpo natural de um indivíduo a longo prazo – ela vai ganhando espaços do corpo natural conforme a ocasião do faleci-

mento. Isso aparece em outros momentos de fala também:

Quando eu tenho certeza... Eu tenho o Eli Corrêa [Antônio Eli Corrêa], muito amigo meu, eu tenho pessoas ligadas à televisão. Eu chego para essas pessoas de outro canal de televisão, eu dou um alerta para a pessoa ter cuidado, pelo seguinte, porque quando eu tenho essas visões eu sei quando a pessoa ela vai morrer porque se torna uma fumaça que cobre o corpo inteiro, e quando chega a não cobrir o rosto da pessoa, a cabeça da pessoa, então a pessoa pode se salvar. Mas quando ela se cobre inteirinha pela fumaça ou nuvem, eu tenho certeza que a pessoa vai morrer. Eu aviso, lógico. Eu aviso, agora você vê... dos Mamonas eu avisei, eu fui em canal, em rádio. Eu comentei com outras pessoas. Cheguei a falar para o Eli Corrêa, que é muito amigo... agora, não vou ficar indo de televisão em televisão (MÃE DINÁH FALA..., 2010, s/p)

Podemos relacionar essa atividade de lograr perceber algo imperceptível como um momento de transe consciente, pois há uma atualização sobre o futuro:

O transe na umbanda não é nem estritamente individual nem propriamente representação mítica, mas atualizações de fragmentos de uma história mais recente por meio de personagens tais como foram conservados na memória popular brasileira. Sua língua ritual é o português falado no Brasil. Suas “entidades” espirituais cultuadas são espíritos de mortos que constituem categorias mais genéricas, onde a referência à vida pessoal é substituída por um estereótipo. Isto é, não é a evocação deste ou daquele indivíduo em particular, mas a representação de modelos sociais expressos em seus “cavalos” que realizam a passagem

destas “entidades” de seu mundo sagrado para o mundo profano dos homens. Para muitos, o grande trunfo desta religião estaria no fato de que, por meio do seu universo mágico/religioso, expressaria uma inversão simbólica no que diz respeito às relações de poder. Birman afirma que, ao contrário do candomblé em que todos os orixás pertencem aos domínios da natureza, o pensamento umbandista redimensiona o mundo natural e introduz espíritos pertencentes ao domínio da “civilização” (ou de segunda natureza, socialmente construída). Ela ‘cria, portanto, uma outra forma de pensar o mundo sobrenatural e o sagrado’. (BARROS, 2010, p. 177)

Desse modo, é no mundo natural que os espíritos aparecem para informar, sobrenaturalmente, o curso natural das coisas – este último que pode ser mudado. Além disso, a Umbanda, com os seus orixás e os espíritos conselheiros que compreendem as forças da natureza, estão vedadas ao saber humano imediato: daí, a necessidade de uma vidente. O outro elemento é que há o Exu que restringe o acesso desses espíritos malignos, tal como visto anteriormente. Assim, é um transe que se manifesta na fumaça negra, que suspende os sentidos usuais e dão uma nova percepção – nesse caso, uma evidência.

### *Os diferentes planos*

As falas de Mãe Dináh apontam para diferentes “planos” de existência, desde os vivos, os espíritos bons e os mortos (para quem tudo acaba). Isto é, a vidente parece se referir a alguns modos de existência, e mais material coligido pela vidente pareceram evidenciar que existe um universo por trás desses planos.

Esse universo apenas se apresenta em seus mistérios caso haja um interesse cor-

respondente. É ele que promove o encontro de Mãe Dináh com as visões e depois com as perguntas das pessoas disparam visões, promovendo o encontro dos indivíduos com o sobrenatural, que não se processa segundo as vontades humanas: o que reforça a autoridade da preditora. Ou seja, há mais de uma noção de entidades que possuem vontade própria e que estão sempre presentes:

A Umbanda Esotérica preconiza as forças sutis da natureza, um deus (Olorun, Tupã, Zambi) e uma Coroa Divina composta pelos Orixás. Crê ainda em elementares da natureza e em espíritos que viveram na antiguidade do planeta e que se manifestam nos ritos da Umbanda Esotérica como caboclos, pretos velhos, crianças e exus (SOLERA, 2014, p. 10)

Assim, na Umbanda Esotérica existe espaço para outros planos, as faixas energéticas. Quem acessa todas essas faixas é a vidente, e por isso sua habilidade pode ser validada.

Por mais que haja faixas energéticas, ainda persiste o dualismo cristão natural x sobrenatural. Isso posto, apenas a “faixa” sobrenatural consegue enviar mensagens para a natural, através do vidente, e podemos observar que o mundo natural possui a limitação da física, o que faz com que seus membros possam experimentar imediatamente apenas o passado e o presente. Já os membros do mundo sobrenatural parecem acessar o passado, o presente e o futuro simultaneamente, derivando daí a realização dos avisos – esses mundos se comunicam. Todavia, há, pelo visto, um “banco de dados” enorme no mundo sobrenatural, pois a entrada de um registro errado já atrapalha o acesso de mãe Dináh. O acesso acontece a partir de uma consulta.

## Consulta

O uso da palavra “consulta” é que soa um tanto estranho a ouvidos católicos. A expressão é bastante utilizada nos meios esotéricos, e parece não ter sido alvo de polêmica:

O padre Gregório, que fundou a igreja São Judas, eu dava catecismo lá, e ele atendia um pessoal. Então o que ele fez? falou pra minha mãe ‘deixa a tua filha vir te ajudar aqui porque ela tem um dom melhor do que eu’. Ele me punha num banco, ele me punha naqueles bancos sentada, as pessoas se consultavam e eu dava a consulta lá. E na minha casa os vizinhos eram a mesma coisa (OTAVIO, 2012, n.p.)

Talvez o próprio padre não a utilizasse, à época, pois não parece ser um vocábulo de estirpe católica. Porém, parece que há um valor em comum que permitiu essa interlocução: “Acreditei sempre em Deus acima de qualquer coisa, tenho muita fé em nossa Senhora da Aparecida, vou uma vez por mês na Aparecida do Norte. Sou católica apostólica romana, comungada” (OTAVIO, 2012, n.p.).

Assim, a consulta aparece como uma possibilidade de atrair mais fiéis para o católico. Mas trata-se de uma prática que, no mínimo, é também umbandista, como nos mostra uma monografia: “A pesquisa de campo foi realizada no Centro de Umbanda Oxalá (Ribeirão Preto - Estado de São Paulo- Brasil), onde as consultas concedidas pelos espíritos incorporados pelo pai-de-santo foram integralmente acompanhadas mediante registros em diários de campo” (MACEDO, 2015, p. 16). Assim, a consulta é um vocabulário e uma prática bem recorrente dessa religiosidade. Por fim, ain-

da falta um aspecto, que é o modo como a consulta acontece.

### *Previsão com nome, número e planetas*

Mãe Dináh, quando confrontada sobre os erros da previsão, declara o seguinte:

Eu erro, porque eu também não sou perfeita. O que eu vejo, eu falo logo que eu vejo. Mas às vezes a gente pode errar, dependendo os planetas e a Lua, como o nome, às vezes se a pessoa senta perto de mim e dá o nome errado, aí a gente vai falar pelo nome. Aí errou, mas tem que dar o nome certo e a data de nascimento certa. (OTAVIO, 2012, n.p.)

Portanto, para uma previsão ser correta é preciso que algumas condições sejam satisfeitas: 1) nome do interessado estar corretamente informado, 2) condição favorável dos planetas e 3) data de nascimento do interessado corretamente informada. Um quarto elemento que também seria uma variável é o alvo da previsão acreditar nas palavras da adivinha: “Não comentei o nome deles [Mamonas Assassinas]. Porque as pessoas não acreditam, não adianta você estar falando, correndo atrás. Quem acompanha as previsões minhas, sabe que eu dou todo fim de ano o que vai acontecer” (MÃE DINÁH FALA..., 2010, n.p.). Isso posto, a previsão depende da informação e também do que se faz a partir da informação.

Talvez a questão mais interessante seja a de que o movimento físico dos planetas afete também o trabalho do vidente. Essa característica aponta para uma entrada na astrologia, uma prática evidentemente da Umbanda Esotérica:

Compõem o corpo de fundamentos da Umbanda Esotérica os estudos de astrologia, pa-

rapsicologia, quiromancia e as propriedades medicinais e espirituais das plantas. Seus adeptos fazem uso da magia por meio da simbologia que envolve pontos riscados, talismãs, amuletos, encantamentos e oferendas nos espaços da natureza (matas, pedreiras, cachoeiras, mares etc.) (SOLERA, 2014, p.10)

A numerologia, em específico, é uma prática desde os primeiros segmentos da Umbanda Esotérica:

Entre essas aproximações, reinterpretações e ressignificações destaca-se principalmente a Numerologia e a Kabala [...] Baseado nos princípios de Matta e Silva, os rituais de Umbanda Esotérica caracterizam-se geralmente: por não “baterem tambor”, isto é, não utilizarem instrumentos percussivos durante as liturgias, entoando somente cantos e em alguns casos as palmas; as oferendas ocorrem sem o “corte”, ou seja, sem o sacrifício de animais; a utilização de bebidas alcoólicas e tabaco, além de moderada são reinterpretados à luz do “discurso kardecista” (SILVA, 1994); redução do número de estatuetas e estátuas “de santo” no local do ritual, essas são trocadas pelas suas respectivas imagens iconográficas, mais conhecidas por “pontos riscados”, feitos com giz apropriado (Pemba), em locais específicos; ocorrem também graus de iniciação e sacerdócio, entre outros aspectos (PEIXOTO, 2015, p. 42)

Assim, não fica tão difícil encontrar esses elementos na reafirmação da catolicidade, ou no simbolismo gráfico da própria nuvem preta. Todas essas questões aparecem na visão de mundo pública de Mãe Dináh e servem para questionar a figura pública. Vale ressaltar que as características investigadas provêm da religiosidade da Nova Era: “[...] como a ideia do centramento no *self*

(conhecer a si mesmo), e no seu aperfeiçoamento [...], bem como a de karma [...], e de fraternidade cósmica [...]" (OLIVEIRA, 2014, p. 177). Isto é, trata-se de um cristianismo vivido, no mínimo, através dos instrumentais simbólicos de outra religiosidade.

Concluimos esta seção afirmando que o cotejo entre falas e revisão bibliográfica se trata de uma aproximação bem experimental, que talvez tenha conseguido arranhar uma superfície de um quadro bem mais complexo. Porém, o fato de problematizar uma figura pública pode mostrar que só o catolicismo não é o suficiente para que um brasileiro lance um duplo na dimensão pública. São necessários outros elementos que tragam interesse ou complementações.

### Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar a primeira parte do duplo Mãe Dináh/Benedicta Finazza. Nossa indagação se desenvolveu no sentido de estudar elementos de seu catolicismo por meio de declarações oficiais, a partir de evidências deixadas por suas falas e revelações enquanto figura pública.

A nossa conclusão mais ampla é de que as ideias expressas por Mãe Dináh, por meio do trânsito religioso, aproximavam sua prática de uma umbanda de tipo esotérico e que o uso do vocabulário católico não era nenhum tipo de fingimento ou contradição. A própria origem sincrética da Umbanda permitiria esse tipo de expressão como um sistema coerente, o que conduziria aplacar a ansiedade de futuro católico que estaria presente na cultura brasileira de maneira difusa.

Desse modo, se consideramos mãe Dináh como difusora de valores umbandistas, estamos falando de uma expressão pú-

blica dessa religiosidade. Levando em conta que o ápice de seu sucesso como adivinha foi nos anos 1990, o feito é ainda mais extraordinário, visto que a diversidade religiosa passou a ser um assunto pensado, a partir dos anos 2000, por políticas afirmativas. Antes disso, tratava-se de um assunto que não era encarado como parte do Estado e que era retratado por uma mídia sensacionalista. As afirmações da adivinha, certamente, reforçam nosso ponto de que havia uma religiosidade pública.

Também é interessante poder refletir sobre os duplos, porque em nenhum momento nos referimos à Benedicta Finazza. Apenas abordamos a biografia do indivíduo para que fosse possível investigar influências possíveis na própria estrela, possibilitando, assim, compreendê-la melhor. Isso porque o duplo, mesmo sendo uma projeção sacralizada, só pode ser crível se houver uma trajetória humana como *background*, que é o que ilustra a sacralização e a torna presente e fascinante para quem admira a figura. Não entender como ocorreu a sacralização é deixar escapar parte importante da explicação.

Assim, há, sem dúvida, um quê de entretenimento no traçar dessa trajetória, mesmo que Mãe Dináh não tenha sido uma artista no sentido literal da palavra. Ela entregava, literalmente, a realidade do futuro, o que colocava sua relevância no sentido informacional e não no aspecto do entretenimento. Ter a informação correta do porvir conferia a sua credibilidade. Mas mesmo que a demanda por acertos fosse alta, Mãe Dináh seguia aparecendo na mídia a despeito de seus erros. Acreditamos que isso aconteceu por duas razões. A primeira delas é que o interesse pelas suas palavras não se dava pela certeza do acerto, mas pela chance de não ser, no momento da visão, mais um erro. Ou seja, quase um argu-

mento da aposta pascoaliano: a recompensa pelo acerto é maior do que a punição pelo erro. Assim, talvez a ameaça da probabilidade seja tão convincente quanto a certeza do acerto. A segunda razão foi perceber que Benedicta Finazza, ao permitir brincadeiras e paródias com a Mãe Dináh, eternizou-a ao igualá-la ao conceito de adivinhação. Assim, ela se transforma na atividade que faz e se torna um compartilhado cultural despi-do de sua historicidade.

Podemos parecer também um tanto estranho analisarmos a religiosidade de um indivíduo e não a de um grupo separado. Esse individualismo metodológico pode soar um pouco estranho no momento em que grande parte dos cientistas sociais parece estar preocupado em dar voz aos subalternos, de modo que apenas eles saberiam a verdade de suas vivências. No entanto, ressaltamos que o cientista social precisa também se colocar ativamente na investigação, e não ser um mero porta-voz ou assistente de imprensa de determinados grupos; e ainda mais postular nível de sinceridade de acordo com as suas posses materiais. Se isso ocorrer, o grupo não adquire conhecimento relacional para se repensar, ou persiste a falta de comunicação com os outros grupos, o que é igualmente grave.

No fim, os atores estão todos certos. Mãe Dináh era católica, e utilizou do que considerou ser um dom para tentar passar uma mensagem que considerou positiva., um dom que a fazia uma umbandista esotérica, senão conscientemente, talvez inconscientemente. O que torna cada indivíduo uma multidão de identidades e cada vez mais indiviso e interessante para as ciências sociais. Portanto, em vez de apontar os dedos para o que consideramos contradições, talvez possamos entender como as contradições se tornam um sistema coeso.

## Referências

ALMEIDA, D. CQC - Danilo Gentili entrevista Mãe Dinah. Youtube. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i40TJDBx7jo>>. Acesso em 27 jul. 2018.

ALMEIDA, D.; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. São Paulo em perspectiva, v. 15, n. 3, p. 92-100, 2001.

ALMEIDA, R. As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

A IGREJA Católica aceita a 'mediunidade' e/ou invocação dos mortos? O Fiel Católico. 2017. Disponível em: <<https://www.ofielcatolico.com.br/2001/07/a-igreja-catolica-aceita-mediunidade.html>>. Acesso em: 29 out. 2018.

A VIDENTE Benedicta Finazza, mais conhecida como Mãe Dináh, morreu na madrugada deste sábado (3), em São Paulo, aos 83 anos. *Jornal Folha de São Paulo*, 03 maio 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1449043-vidente-mae-dinah-morre-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2014.

BARROS, S. C. Os exus mirins da Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 2, n. 6, p. 175-186, 2010.

BARTZ, A. Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1, 2012. São Leopoldo-RS Anais... São Leopoldo: Faculdade EST, p. 258-273, 2012.

BENETTI, M.; DALMASO, S. Jornalismo, imaginário e leitores: os sentidos do real e da ficção sobre o avião desaparecido da Malaysia Airlines. *Verso e Reverso*, v. 28, n. 69, p. 166-173, 2014.

BONIFÁCIO, W. V. G. A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas. *Produção Acadêmica*, v. 3, n. 1, p. 134-147, 2017.

CUNHA, S. As primas evangélicas da "Mãe Dinah". *Blog do Pastor Sergio Cunha*. 2009. Disponível em: <<http://pastorsergiocunha.blogspot.com/2009/12/as-primas-evangelicas-da-mae-di>>

nah.html>. Acesso em: 29 out. 2018.

D'ANDREA, A. A. F. **O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Loyola, 2000.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIUMBELLI, E.; CARNEIRO, S. S. **Ensino religioso no Estado do Rio de Janeiro: registros e controvérsias**. Rio de Janeiro: Comunicações do Iser, 2012.

GUERRIERO, S. **Novas configurações das religiões tradicionais: re-significação e influência do universo Nova Era**. Revista TOMO, v.1, n. 14, p. 35-53, 2009.

\_\_\_\_\_. **Até onde vai a religião: um estudo do elemento religioso nos movimentos da Nova Era**. HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 12, n. 35, p. 902-931, 2014.

ISAIA, A. C. **O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 1, n. 3, p. 95-105, 2009.

KLOPPENBURG, B. **É possível se comunicar com quem já morreu?** CNP. 9 ago. 2017. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/sera-possivel-comunicar-se-com-os-falecidos>>. Acesso em 29 out. 2018.

KUCHENBECKER, V. **O homem e o sagrado**. Canoas: Ed. da Ulbra, 1998.

LECCARDI, C. **Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. Tempo Social, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

LIMA, L. S. **Entrevista Exclusiva – Mãe Dináh**. 20 maio 2009. Datiloscritos. Disponível em: <<http://datiloscritos.blogspot.com/2009/05/entrevista-exclusiva-ao-lucas-mae-dinah.html>>. Acesso em 27 jul. 2018.

LOPES, R. C. L. **Construindo contextos**. Curitiba: Viseu, 2019.

MACEDO, A. C. **Encruzilhadas da interpretação: cuidado e significação da umbanda**. 2015. 246 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de

São Paulo-USP, Ribeirão Preto, 2015.

MACHADO, F. R. **Experiências anômalas (extra-sensório-motoras) na vida cotidiana e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 30, n. 79, p. 462-483, 2010.

MÃE DINÁH FALA de Ayrton Senna e Mamonas Assassinas no Superpop (2005). Youtube. 2010. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=pme\\_rZOKmGE](https://www.youtube.com/watch?v=pme_rZOKmGE)>. Acesso em: 11 set. 2018.

MÃE DINÁH: “Fim do mundo é besteira. O que me preocupa mesmo é a Copa”. Blog Pop! Pop! Pop! 27 nov. 2012. Veja São Paulo. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/mae-dinah-fim-do-mundo-e-besteira-o-que-me-preocupa-mesmo-e-a-copa/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

MÃE Dinah morre aos 83 anos em São Paulo. Veja São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/mae-dinah-morre-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MARIANO, R. **Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais**. Civitas, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003.

MONTERO, P. **Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil**. Etnográfica, v. 13, n. 1, p. 7-16, 2009.

\_\_\_\_\_. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil**. Novos Estudos CEBRAP, n. 74, p. 47-65, 2006.

MORRE Mãe Dináh. **Ela previu a própria morte e deixou outras previsões prontas, confira**. 2014. Disponível em: <<http://sacizento.bol.uol.com.br/blog/?p=11732>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

MORIN, E. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

NASSIF, L. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

MENDONÇA, A. G. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. Revista Usp, v. 2, n. 67, p. 48-67, 2005.

- OLIVEIRA, A. A nova era com axé: umbanda esotérica e esoterismo umbandista no Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, n. 21, p. 167-184, 2014.
- OTAVIO entrevista Mãe Dináh - Parte 1. 15 set. 2012. TV UOL. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/otavio-entrevista-mae-dinah--parte-1-04024D193260DC993326>>. Acesso em: 05 set. 2018.
- PEIXOTO, A. L. S. *Umbanda Esotérica em Brasília: notas iniciáticas de um terreiro*. 2015. 62 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília-UnB, Brasília, 2015.
- POMBO, I. N. *Territórios do sagrado: espacialidade e invisibilidade dos terreiros de Umbanda no município de João Pessoa-PB*. 2015. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa: 2015.
- PREVISÕES de Mãe Dináh. *Folha de São Paulo*. 03 maio 2014. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/24915-previsoes-de-mae-dinah>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- RANQUETAT JÚNIOR, C. A. A presença da Bíblia e do crucifixo em espaços públicos no Brasil: Religião, Cultura e Nação. In: ORO, A. P. et al. (Orgs.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, p. 69-85.
- SANTOS, C. H. R. Consumindo o candomblé: estudo sobre a comunicação dos objetos dessacralizados e trocas sógnicas na pós-modernidade. *E-Compós*, v. 6, p. 1-21, 2006.
- SOUZA, S. D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *HORIZONTE- Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 5, n. 9, p. 21-29, 2006.
- TAKANO, A.; FREITAS, A. P.; PRADO, M. A. Morre Mãe Dináh em São Paulo. *R7*. 03 maio 2014. Disponível em: <<https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/morre-mae-dinah-em-sao-paulo-09062017>>. Acesso em: 27 jul. 2014.
- VICENTINI, P. Relembre previsões famosas da vidente Mãe Dináh. 2014. *BOL*. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/fotos/2014/05/03/relembre-previsoes-famosas-da-vidente-mae-dinah.htm?mode=list&foto=1>>. Acesso em 25 jul. 2018.
- WELLERSON, L. Não sou obrigado a acreditar na... Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTgwNDQzOA/>>.
- YAHOO Respostas. Qual é a religião da Mãe Dináh? Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20170819202016AAtnb2R>>.
- ZANGARI, W. Experiências anômalas em médiuns de Umbanda: uma avaliação fenomenológica e ontológica. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 67-86, 2007.

## RESUMO

Pretendemos investigar neste espaço, a religiosidade de uma figura pública, estrela” – Mãe Dinah, da perspectiva de Edgar Morin, por meio das lentes do trânsito religioso. O corpus analítico proveio de suas declarações veiculadas na mídia, e a nossa análise desconsiderou o alter-ego privado, Benedicta Finazza. Após levantar percepções da própria “estrela”, que se considerava católica, e de terceiros, que a consideravam umbandista, revisamos bibliograficamente essas religiosidades e nos detivemos sobre as declarações dadas. O resultado encontrado foi a interveniência de muitos sistemas simbólicos em sua prática católica. Isso significa que esse é um caso da publicização de uma religiosidade afro em plenos anos 1990, época em que ainda não havia ações afirmativas voltadas para incentivar a variedade religiosa. Acreditamos que isso ocorreu porque as adivinhações de Mãe Dináh, revestidas de linguagem católica, preenchem um nicho de ansiedade temporal causada pela concepção linear de tempo cristã.

## PALAVRAS-CHAVE

Mãe Dináh. Catolicismo. Umbanda. Umbanda esotérica.

## ABSTRACT

We intend to investigate in this space the religiosity of a public figure - “star” from the perspective of Edgar Morin - Mãe Dináh through the lens of religious traffic. The analytical corpus came from his statements in the media, so our analysis disregarded the private alter-ego, Benedicta Finazza. After raising perceptions of the “star” itself - who considered herself Catholic - and third parties - who considered her Umbanda - we bibliographically reviewed these religiosities and paused on the statements given. The result was that many symbolic systems intervened in their Catholic practice. This means that this is a case of publicizing Afro religiosity in the mid-1990s, a time when there were still no affirmative actions aimed at encouraging religious variety. We believe this was because Mother Dináh’s divinations, dressed in Catholic language, filled a niche of temporal anxiety caused by the linear conception of Christian time.

## KEY WORDS

Mother Dináh. Catholicism. Umbanda. Esoteric umbanda.

Recebido em: 23/11/2018

Aprovado em: 12/08/2020